

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DE CONHECIMENTOS ETNOBOTÂNICOS PRESENTES EM TERRITÓRIOS INDÍGENAS NO BRASIL

Andrea Hillary Morais Albuquerque¹
Jullyana Cristina Magalhães Silva Moura Sobczak²

RESUMO

A divulgação científica tem papel fundamental para que a população adquira conhecimento sobre ciência. À vista disto, o presente trabalho teve como objetivo unir o saber científico produzido na UNILAB com o saber tradicional de origem indígena brasileira. Para tal feito, foi publicado nas mais diversas plataformas virtuais informações etnobotânicas desenvolvidas dentro dessas comunidades. Estas informações, por sua vez, são úteis à população no tocante aos benefícios das plantas medicinais, alimentícias convencionais e não convencionais, dentre outras. O saldo da divulgação foi positivo, pois engajou um número significativo de pessoas no país, além de ter fomentado a conscientização dos internautas no que se refere à valorização dos conhecimentos tradicionais como também ao uso sustentável dos ecossistemas.

Palavras-chave: Etnobiologia Ciência Conhecimento tradicional .

UNILAB, ICEN , Discente, hillarymorais09@gmail.com¹
UNILAB, ICEN, Docente, sobczak@unilab.edu.br²



INTRODUÇÃO

A divulgação científica pode ser entendida como sendo a forma mais clara e objetiva de popularização da ciência (SILVA NETO, 2015). Dessa forma, compreende-se sua importância à medida que o conhecimento produzido ultrapassa os âmbitos da academia transformando-se em produto benéfico acessível à sociedade. A popularização da internet a partir da década de 1990 facilitou ainda mais a divulgação científica, uma vez que ela ganhou espaço favorável nas mídias digitais para a sua disseminação (Machado, 2016). A etnobiologia se apresenta como um dos caminhos para a interlocução entre a ciência e o conhecimento tradicional, podendo se configurar como um instrumento de diálogo entre o saber local e o conhecimento científico (Silva et al., 2018). O conhecimento tradicional em especial dos povos indígenas acerca da utilidade das plantas, tais como plantas medicinais, alimentícias convencionais e não convencionais, ornamentais, úteis para a alimentação animal, artesanato, confecção de cosméticos, tóxicas, repelentes naturais, dentre outros fins fazem parte do Patrimônio Cultural Brasileiro, servem de base para novas descobertas científicas e, portanto, precisam ser valorizados para não se perderem com o tempo. Nessa perspectiva, esses conhecimentos locais também são necessários para identificar técnicas de plantio, manejo bem como desenvolvimento de estratégias de conservação e uso sustentável da biodiversidade vegetal atualmente ameaçada por ações antrópicas (Albuquerque et al., 2009). O objetivo deste trabalho foi integrar pesquisa, ensino e extensão entre a UNILAB e a comunidade para o compartilhamento de conhecimentos.

METODOLOGIA

Como já mencionado, a internet é apontada como um dos marcos sócio-históricos que incidiram nas formas de produzir e fazer circular os saberes da ciência (Machado, 2016). Partindo desse pressuposto, foram produzidos e veiculados conteúdos nas redes sociais do grupo de pesquisa em biologia vegetal (BIOVEG) sobre plantas já conhecidas e utilizadas pelas comunidades indígenas, situadas no Brasil. As postagens foram realizadas através de diversos eixos temáticos, como etnobotânica em comunidades indígenas, plantas medicinais utilizadas pelo povo indígena Pitaguary, plantas tóxicas em comunidades indígenas da Amazônia, PANC'S em comunidades indígenas e plantas utilizadas para artesanatos em comunidades indígenas. Somado a estas postagens em redes sociais como no Instagram @bioveg.unilab e Facebook Bioveg, foram realizadas gravações de áudios para o Podcast "Botânica em Prosa", vídeos para o canal no Youtube do Bioveg, postagens para o Twitter do grupo @bioveg_unilab, campanhas, séries informativas, bingos assim como, adedonhas interativas. Tais práxis foram cruciais para a promoção da interação com o público-alvo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As postagens efetuadas no Instagram e Facebook tiveram cerca de 3000 pessoas alcançadas, principalmente na faixa etária de 18 e 34 anos (75%) e desta porcentagem (59%) eram mulheres. Por ser o meio de comunicação mais utilizado na modernidade, a internet é uma ferramenta que consegue agregar um leque imenso de pessoas de todas as idades e nações. Dessa maneira, investimentos na divulgação dos conhecimentos tradicionais são imperiosos, visto que por meio deste trabalho, foi possível propagar as postagens para pessoas de várias cidades do Brasil, sobretudo, Fortaleza (14%), Redenção (7%), São Paulo (3%), Rio de Janeiro (2%) e Baturité (1%). Foi possível perceber o interesse e o engajamento da comunidade em cada ação proposta, pois além de repassarem feedbacks positivos compartilhavam para as demais pessoas o que consideravam pertinente bem como tiveram a rica oportunidade de conhecer e realizar



reflexões críticas quanto ao fulcro da preservação do conhecimento tradicional dos povos indígenas, o qual, por sua vez, está intimamente associado com a conservação da biodiversidade vegetal.

CONCLUSÕES

Os conhecimentos e manifestações tradicionais são intangíveis, ou seja, o valor reside justamente na capacidade de transformação dos saberes e modos de fazer (Gallois, 2008). Sendo assim, é urgente visibilizar na sociedade por intermédio da academia, os conhecimentos associados às populações indígenas. Tendo em vista que a maioria dos registros são passados de geração em geração através da oralidade, se esse acervo tão valioso para a humanidade não for resguardado de maneira eficaz poderá ser extinguido. Além do mais, esses saberes etnobotânicos auxiliam consideravelmente na ciência e podem se somar para diversos fins, como por exemplo, para a confecção de produtos úteis aos humanos oriundos das plantas como também os indígenas representam um modelo de notoriedade para a implementação de práticas sustentáveis pela população em geral no que tange ao uso dos recursos naturais, principalmente da diversidade vegetal. Observou-se que a interação público/universidade pôde ser expandida em decorrência da divulgação científica nos meios virtuais, representando um pilar informativo para que haja a tomada de consciência da comunidade a respeito da importância de se preservar a sapiência dos antepassados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à PROEX e ao Programa de Bolsa de Extensão, Arte e Cultura (PIBEAC) da UNILAB pela concessão da bolsa e à Profa. Dra. Jullyana Sobczak pela orientação das atividades desempenhadas no decorrer do projeto.

REFERÊNCIAS

- SILVA NETO, João Cirilo. A Importância da divulgação científica no contexto da inclusão social. In: WORLD CONGRESS ON COMMUNICATION AND ARTS, 8., 2015, Araxá, MG. Anais... Minas Gerais: CEFET, 2015. Disponível em: <https://copec.eu/congresses/wcca2015/proc/works/15.pdf>. Acesso em: 14 maio.2021.
- MACHADO, Flávia. A divulgação científica e o enunciado digital. Revista de Estudos do Discurso, São Paulo, v.11, n.02, p. 93-110, 2016. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732016000200093. Acesso em: 14 maio.2021.
- SILVA, Maria.; Baptista, Geilsa. Conhecimento tradicional como instrumento para dinamização do currículo e ensino de ciências. Revista Gaia Scientia, Bahia, v.12, n.4, p. 90-104, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1981-1268.2018v12n4.38710>. Acesso em: 14 maio.2021.
- ALBUQUERQUE, Ullysses Paulino et al. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. Acta Botanica Brasilica, São Paulo, v.23, n.02, p. 590-605, 2009. Disponível em: <file:///C:/Users/hilla/Downloads/Albuquerque%20botanica.pdf>. Acesso em: 14 maio.2021.



GALLOIS, Dominique. Por que valorizar patrimônios culturais indígenas? Revista Ciência e Cultura, São Paulo, v.60, n.04, p. 34-36, 2008. Disponível em: http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252008000400015. Acesso em: 14 maio.2021.

